

Era uma vez um conto, uma história, um encontro: o resgate da tradição oral.

Camila Carrari Dornelas
 UNITOLEDO

Resumo: A função de contar histórias é um importante meio de conservação e propagação da cultura dos homens; assim como as histórias, contos e “causos” se constituem relevante instrumento de acesso à cultura geral. Diante do anúncio do declínio da narrativa e da tradição oral com o advento da escrita, o presente trabalho traz uma retrospectiva histórica da figura do contador de histórias e sua função social e busca fazer um resgate da tradição oral através do registro e análise dos relatos de dois contadores de histórias tradicionais.

Palavras-chave: histórias, contador de histórias, tradição oral, cultura popular.

It was once tale, a story, an encounter: the redemption of oral tradition.

Abstract: The function of telling stories is an important mean for the conservation and propagation of men's culture; As well as the stories, tales and "causos" constitute an important access tool to the general culture. Before the announcement of the decline of narrative and oral tradition with the advent of writing, this work brings a retrospective of the historical figure of the stories teller's and its social function and its looks for rescue the oral tradition through the record and analysis of two traditional stories teller's reports.

Keywords: stories, stories teller, oral tradition, popular culture.

Era uma vez um conto, uma história, um encontro: o resgate da tradição oral.

*“Cada palavra, ainda que esteja carregada de séculos,
 inicia uma página em branco e compromete o mundo.”*
 Jorge Luis Borges.

Era uma vez... Será que era?

Com o advento da modernidade, muitas discussões sobre as mudanças ocorridas no mundo e na maneira dos indivíduos se relacionarem vieram à discussão. Alguns

autores anunciavam que o ato de narrar e trocar experiências estaria se modificando e gradativamente se extinguindo. Neste artigo narro um encontro, não do novo com o velho ou ao sentimento nostálgico de volta ao passado, mas com a arte deliciosa de contar, de ouvir, partilhar e trocar experiências, buscando o resgate e o recolhimento de histórias e contos da tradição oral.

A humanidade criou um dos instrumentos básicos - a linguagem - que como instrumento, o homem usou para dominar seu ambiente e seu próprio comportamento. Dessa forma, passou a contar e ainda conta histórias, compartilhando com o outro idéias, revelando intenções. Ao contar histórias a partir de situações comuns, expressões das palavras e uso da imaginação é que surge a narrativa.

Assim, o contar se configura como importante meio de constituição e propagação da cultura e história dos indivíduos. “Histórias existem para serem contadas, serem ouvidas e conservarem aceso o enredo da humanidade. Contar é uma antiga forma de expressão”. (Busatto, 2006, p.17).

A narrativa sempre acompanhou a vida do homem em sociedade, desempenhando um papel fundamental de coesão social:

“A voz poética assume a função coesiva e estabilizante sem a qual o grupo social não poderia sobreviver. Paradoxo: graças ao vagar de seus intérpretes – no espaço, no tempo, na consciência de si – a voz poética está presente em toda parte, conhecida de cada um, integrada nos discursos comuns, e é para eles referência permanente e segura.” (ZUMTHOR 1993, p.139)

O contador de histórias sempre existiu. Acompanhou a evolução do homem através dos tempos e o surgimento da escrita. Antigamente, as histórias eram contadas em voz alta por um narrador a um grupo de pessoas, interagindo diretamente com seus ouvintes. Como colocado por Machado (1994) é como se a fala do narrador se transformasse numa espécie de “escritura invisível” que se fixava no cérebro do ouvinte, garantindo a reprodução futura.

Esse personagem, durante muito tempo foi extremamente importante nas comunidades. De acordo com Busatto (2006, p.18), ele recebeu vários nomes através dos tempos:

“Era o *rapsodo* para os gregos, o *griot* para os africanos, o *bardo* para os celtas, ou simplesmente o *contador de histórias*. Era um sujeito que se valia da narração oral como via de organizar o caos, perpetuar e propagar os mitos fundacionais das suas culturas. Um sujeito que mantinha vivo o pensamento do seu povo por meio da memória prodigiosa e que o divulga por meio da arte.”

Não é de hoje que alguns estudiosos e pesquisadores vêm anunciando as mudanças no mundo moderno e o enfraquecimento do conto oral e da prática milenar da

transmissão e da recepção oral de histórias, chegando mesmo a anunciar seu desaparecimento. As mudanças experimentadas pelas sociedades contemporâneas nos últimos tempos, alteraram as formas como os homens sentem e representam para si mesmo o mundo onde vivem.

Há uma dificuldade de representação do mundo contemporâneo que envolve desde instituições sociais até formas simbólicas e imaginárias, como a comunicação e a narração.

Benjamin (1983, p.57) traz a discussão de que a arte de narrar caminha para o fim:

“[...] a arte de narrar caminha para o fim. Torna-se cada vez mais raro o encontro com pessoas que sabem narrar alguma coisa. É cada vez mais freqüente espalhar-se em volta o embaraço quando se anuncia o desejo de ouvir uma história. É como se uma faculdade, que nos parecia inalienável, a mais garantida entre as coisas seguras, nos fosse retirada. Ou seja: a de trocar experiências”.

Para a sociedade atual, contar histórias pode ser encarado como perda de tempo. A cotidianidade está atravessada pela individualização, pelo consumismo e pelo predomínio da informação e da comunicação de massa, relegando a escuta do outro como algo fora de moda.

Postman (1999, p.161) coloca que com o surgimento da prensa tipográfica se “[...] estilhaçou a coesão de uma comunidade religiosa mundial e a poesia da tradição oral, reduziu as lealdades regionais e criou um sistema industrial cruelmente impessoal.” Ainda de acordo com o autor, o fato de que a tecnologia foi deificada, o processo político degradado, a mente adulta tem se apequenado e a infância está definhando, são sinais deploráveis da atualidade.

Benjamin (1983, p.60), também atribui o declínio da narrativa ao advento do romance no início da Era Moderna e o surgimento da imprensa escrita:

“A difusão do romance só se torna possível com a invenção da imprensa. A tradição oral, patrimônio da épica, tem uma natureza diferente da que constitui a existência do romance. O que distingue o romance de todas as outras formas de criação literária em prosa – o conto-de-fadas, a saga, até mesmo a novela – é o fato de não derivar da tradição oral, nem entrar para ela. Mas isso o distingue sobretudo da ação de narrar. O narrador colhe o que narra na experiência, própria ou relatada. E transforma isso outra vez em experiência dos que ouvem sua história.”

Ainda de acordo com o autor, a narrativa prospera no círculo do trabalho. É ela própria parecida a uma forma artesanal de comunicação. Adere à narrativa a marca de quem narra e a tendência dos narradores é começarem sua história apresentando

circunstâncias que eles mesmos tomaram conhecimento ou ainda de uma experiência pessoal.

Essa idéia também é partilhada por Zumthor (1993, p.75):

“A idéia do poder real da palavra, [...] gera um quadro moral do universo. Todo discurso é ação, física e psiquicamente efetiva. Donde a riqueza das tradições orais, contrárias ao que quebra o ritmo da voz viva. O Verbo se expande no mundo, que por seu meio foi criado e ao qual dá vida. Na palavra se origina o poder do chefe e da política, do camponês e da semente. O artesão que modela um objeto pronuncia as palavras que fecundam o seu ato”.

O contar está intimamente ligado á vivência de fatos, troca de experiências, voltados para o interesse prático. Daí tão forte a imagem do homem ao redor do fogo, desde os primórdios, contando sobre suas caçadas; das rodas de mulheres fiandeiras tecendo suas histórias; do caboclo na varanda contando “causos” da roça, das mulheres na cozinha escolhendo feijão e narrativas. A triste (ou feliz) constatação é de que nos dias atuais já nem é preciso escolher o feijão.

A narrativa carrega sempre uma utilidade, seja uma lição, uma indicação prática, um ditado, um exemplo de vida, uma troca de experiências. Mas se hoje essa troca de experiências tem-se modificado, isto é fruto de um processo:

“A arte de narrar tende para o fim porque o lado épico da verdade, a sabedoria, está agonizando. Mas este é um processo que vem de longe. Nada seria mais tolo do que querer vislumbrar nele apenas um “fenômeno da decadência” – muito menos ainda “moderno”. Ele é antes uma manifestação secundária da forças produtivas históricas seculares que aos poucos afastou a narrativa do âmbito do discurso vivo, ao mesmo tempo que tornava palpável uma nova beleza naquilo que desaparecia.” BENJAMIN (1983, p.59).

É inegável que ao modificar o espaço de convivência das pessoas, a vida familiar, a maneira de se comunicar, a partilha do trabalho doméstico e no campo, perdeu-se muito da transmissão oral de histórias, canções e poemas.

No entanto, a civilização ocidental sobreviveu com alguns de seus valores humanos inalterados e conseguiu forjar outros.

Patrini (2005) defende que o mundo passa por uma emergência de uma prática oral. Na década de 80, um novo movimento passou a se desenhar no terreno fecundo deixado após os anos de ditadura em que os protestos vinham de forma teatral, cinematográfica, literária e musical.

O contador de histórias surge na atualidade como profissão, frequentemente estando ligado ao teatro e aos palcos ou refugiado em bibliotecas, explicando o vínculo dessa arte com as práticas de alfabetização.

Há uma mudança não no fato de encantar através do conto, da história, mas de que agora as platéias são desconhecidas e com horários para o acontecimento, exigindo uma nova dinâmica por parte do contador. A prática do conto (ainda bem) não desapareceu e se reinventa.

A linguagem carregou consigo os conceitos generalizados, conhecimentos, sabedorias do passado. Mas o homem na sua ação sobre o mundo passou a criar instrumentos culturais especiais, como a escrita, que permitem analisar esta sabedoria no presente e a possibilidade de aperfeiçoamento no futuro.

Muitas das fontes destes contadores contemporâneos são os contos escritos encontrados em bibliotecas e congelados pela literatura escrita (Bajard 2004, apud, Patrini 2005, p. 15).

O fato é que a cultura escrita tornou possível o registro, procurou tornar a cultural oral atrativa. Perrault em 1695 e dois séculos depois os Irmãos Grimm, demonstraram essa preocupação com os registros dos contos populares. Esses chamados clássicos, riquíssimos, e muitas outras histórias que nos dias atuais habitam as bibliotecas permitem o acesso muito mais por leitura do que pela escuta. São raros os contadores que recolhem os contos diretamente com os mais antigos.

No Brasil, o surgimento de novos grupos de contadores se intensificou nos últimos dez anos, revigorando a arte de contar histórias. Estes são influenciados e têm suas fontes na literatura escrita, no teatro, sendo dotados de técnicas aprimoradas, muitas vezes em oficinas e cursos. Contam histórias em grupos, individualmente, e recriam no espaço urbano esta arte há muito tempo existente.

Atualmente tem sido dado destaque a esta prática nas programações culturais. Existem encontros nacionais e internacionais de contadores e muitas pesquisas vêm se desenvolvendo nas universidades. Estima-se que só na América Latina, existam mais de vinte encontros organizados por instituições, universidades ou pelos próprios contadores.

Já a figura do contador de histórias tradicional faz parte de um grupo cada vez menor que mantém as informações através da oralidade. Seja por pertencer a uma comunidade ágrafa (casos raros), seja por conviver em uma comunidade letrada e não se influenciar pela escrita, ainda que esta esteja presente no seu cotidiano e ele inserido em um contexto mediado pelos novos meios de comunicação.

Walter Ong (1998, apud Busatto, 2006, p.19), usa o conceito de oralidade primária para as culturas que desconhecem a escrita, e oralidade secundária para a cultura atual que vivenciamos, mediados pela tecnologia.

Já Zumthor (1993, p.18), distingue três tipos de oralidade: primária, mista e segunda. A primária diz respeito a sociedades que não comportariam nenhum contato com a escritura ou sistema de simbolização gráfica (praticamente inexistente nos dias atuais). A mista, quando a influência da escritura é externa, onde a oralidade procede da existência de uma cultura “escrita”. E a oralidade segunda, provinda de uma cultura “letrada”, sendo que toda expressão é marcada pela presença da escrita e tende a esgotar os valores da voz no uso e no imaginário.

No entanto, a perspectiva da conservação do narrador, do contador de histórias tradicional, parece persistir. De acordo com Patrini (2005, p.20):

“Na sociedade brasileira, sobretudo nas zonas rurais e periféricas das cidades, as distinções entre oralidade e escrita não são muito marcadas. No Nordeste, por exemplo, a existência de uma cultura oral é evidente. As práticas sociais são vividas de maneira intensa através dos jogos, das festas populares, que fazem parte de um patrimônio cultural variado e rico em símbolos: canções em torno da mesa ou do fogo, danças e festas de casamento, jogos típicos da infância, ritos coletivos de religiões populares e esculturas em madeira que criam personagens de um universo original”.

Em qualquer país que sustente uma cultura rural, como o Brasil, ainda existem contadores de histórias tradicionais em atividade. O chamado contador de raiz ainda é possível ser encontrado e com eles uma fonte riquíssima de histórias, contos, cantigas de roda, rezas, adivinhas e brincadeiras infantis.

A figura do velho contador de histórias, o idoso, cheio de lembranças carrega essa possibilidade. Parece que aos mais velhos, por serem considerados improdutivos numa sociedade capitalista, fazem do preconceito que sofrem a liberdade que possuem de poder lembrar.

De acordo com Bosi (1994, p.41), essa liberdade, na verdade, torna-se obrigação social, já que ao homem adulto não é permitido lembrar. Para este, a memória é algo distinto da vida prática.

O velho, por estar no fim da vida, busca na memória sua identidade. Contar para o velho é viver, não só o resgate do que passou, mas a possibilidade de projetar o futuro. Ainda de acordo com a autora:

“Hoje fala-se tanto em criatividade... mas, onde estão as brincadeiras, os jogos, os cantos e danças de outrora? Na lembrança de velhos aparecem e nos surpreendem pela riqueza. O velho, de um lado, busca a confirmação do que se passou com seus coetâneos, em testemunhos escritos ou orais, investiga, pesquisa, confronta esse tesouro que é guardião. De outro recupera o tempo que correu e aquelas coisas que, quando as perdemos, nos fazem sentir diminuir e morrer.” (p.41)

Para o idoso, as narrativas se tornam fundamentais, onde buscam um sentido. É como se o envelhecimento fosse um processo biográfico, envolvendo o contar e o recontar.

Barros (2006, p. 107) ressalta a importância das avós no ofício de contar histórias. A autora coloca que a relação parental entre avô/avó e neto/neta é de proximidade, seja nas situações de perfilhamento, de sustento, esteio, custódia, afetividade, afinidade, além dos laços consangüíneos, nem sempre existentes.

O contar histórias pela avó, envolveria uma troca muito rica:

“A ancestralidade, por sua vez, envolve a geração mais velha e mais jovem, atribuindo-se-lhes a prerrogativas de sabedoria e de expectativa da aprendizagem, respectivamente, bem como a imagem do ancião que se apóia no mais novo, no caminhar da vida. Prenúncio de troca e de acréscimo entre a experiência e a necessidade de conhecer, simboliza a raiz e, de alguma forma, o reforço da identidade e da sensação de segurança, desde tempos imemoriais.” BARROS (2006, p. 108).

A cena do avô ou avó nesse papel pode ser encontrada em qualquer tempo, em qualquer cultura; daí o uso do arquétipo da ancestralidade sob a imagem do idoso, do velho. É exatamente junto a estes mestres contadores que busco estabelecer uma relação. Eles como contadores, eu como ouvinte. É nessa relação que a narrativa de histórias cumpre seu melhor papel: o de reunir em torno:

“Entre o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve poder ser reproduzido. A memória é a faculdade épica por excelência. Não se pode perder, no deserto dos tempos, uma só gota da água irisada que, nômades, passamos do côncavo de uma para outra mão. A história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos.” BOSI (1994 p. 48).

Como a composição oral sempre foi um texto de muitas vozes, reúno às vozes de dois contadores tradicionais, primeiro a minha escuta, depois quem sabe a minha voz como contadora. E o conto que entrou por uma porta, invariavelmente sairá pela outra.

Meu encontro com Dona Tita:

Meu encontro com D.Tita aconteceu em um sábado à tarde. Com 82 anos de idade, ela me recebeu em sua cozinha, enquanto preparava o almoço. E assim como as mulheres que escolhiam o feijão, entre panelas e um refogado, ela a meu pedido conta uma história. Inicia com o caráter atemporal e ancestral das histórias:

“Ih! Já faz tempo! Minha mãe é que contava, né.”

Inicialmente sem jeito, com falas comedidas, envergonhada:

“Nem sei se me lembro direito.”

Para depois iniciar com o tão esperado e previsível início:

“Diz que era uma vez...”

D. Tita no decorrer de sua fala, apresenta uma mulher diferente daquela que encontrei quando cheguei, passando de uma contação séria, para aos poucos tomar conta do tempo e do espaço que dividíamos. Ela então passa a recordar, trazendo para seu corpo a memória e significações da história. Nesse movimento, passa a transformar a história do outro em uma história própria.

A cada fato novo da história ocorriam modificações na voz, nos gestos compostos pelas feições do rosto, caretas, risadas, mãos, e rodopios com a colher de pau. “O contador de histórias cria imagens no ar, materializando o verbo e transformando-se, ele próprio, nesta matéria fluída que é a palavra” (Busatto, 2006, p.79). Ela estava agora a vontade e se divertia em uma narração preenchida e ininterrupta, repleta de lembranças. É justamente esta lembrança, como colocado por Benjamin que institui a corrente da tradição e transmite o acontecido de geração a geração. “Uma história emenda na outra, como os grandes narradores, sobretudo os orientais, tinham gosto em mostrar” (ibid, 1983, p.67).

A história que conta, “*a boneca de alfinetes*”, caracteriza-se como conto popular. Conto popular aqui entendido como manifestação cultural de caráter universal, indiferente a tudo que seja imposto pela cultura oficial (Machado, 1994, p. 28).

Apesar do caráter popular, o conto não pode ser entendido como sinônimo de regional pelo caráter universalizante das manifestações populares. No caso de D. Tita, sua história veio de muito longe, contada pela mãe vinda imigrante da Itália quando ainda criança. O conto popular é um gênero narrativo que desenvolve traços que se repetem em histórias criadas nos mais variados locais e épocas. Suas características composicionais não conhecem fronteiras de tempo e nem de lugar. (Machado, 1994, p.28)

A história de D. Tita, em muito se assemelha à história conhecida como Chapeuzinho Vermelho, mas com modificações e sem a presença do lobo. Carrega também elementos da história conhecida como João e Maria. O vilão da história, no caso, é a própria avó. O conto popular parte de uma situação inicial onde conta-se quem são os personagens, num tempo e espaço não muito definidos:

“Diz que era uma vez, uma mulher muito pobre, que vivia sozinha com sua filha em um casebre, pois o marido já havia morrido. Um dia ela resolveu fazer bolinhos e pediu que a filha levasse para a avó, láááááá do outro lado da colina”.

No conto popular também existe um motivo, que gera um conflito, a partir do qual a história se organiza:

“[...] Como a viagem era muito longa, no meio do caminho a menina sentiu muita fome, pobrezinha, e comeu quase todos os bolinhos. [...] ao chegar à casa da vó, ela ficou muito zangada. A avó na verdade era uma bruxa, muito má! [...] E então a bruxa disse:

- Pode esperar! Hoje, à noite, você vai ver! Sua mãe não mandou os bolinhos... Que falta de consideração! Então, hoje à meia-noite, eu vou te comer!!!

A partir do motivo central, no conto popular, desenrolam-se as motivações, situações breves, razões e objetivos que levam os personagens a determinada ação, como levar os bolinhos ou a fome da menina e outras situações que vão se modificando e garantem o desenvolvimento da história até a sua conclusão.

A resolução dos conflitos e a conclusão característica da narrativa popular acabam por existir em todas as histórias, voltando à situação de equilíbrio ou normalidade anterior. É o famoso final feliz:

“A mãe costurou, costurou e costurou... E construiu uma boneca de pano do tamanho da menina e encheu de alfinetes [...] arrumou a boneca na cama da menina, como se estivesse dormindo [...] Chegada á noite, a bruxa foi subindo os degraus:

- Onde que está o primeiro degrau... Vou te pegar!

- Onde que está o segundo degrau... Vou te pegar!”

(E assim, gerando suspense com a voz, a cada degrau alcançado).

“[...] a velha comeu a boneca de alfinetes e morreu, toda ensangüentada! E a menina e sua mãe, que se amavam muito, viveram muito felizes ainda por muitos anos...”

Esta estrutura simples, presente na narração de D. Tita, se repete em várias histórias recolhidas da tradição popular e do folclore, que chegaram até nós e os dias atuais pelas pesquisas e registros. Tal estrutura acaba por revelar o modo através do qual o imaginário popular reflete sobre os conflitos e atitudes humanas: a obediência e desobediência, a exploração do homem pelo homem, ambição, avareza, bondade, maldade; qualidades e defeitos. É como se através do conto, uma forma simples, pudéssemos discutir questões nem sempre tão simples.

No final da história, D.Tita encerra, mas deixa no ar a possibilidade de outras histórias, característica forte de quem narra. Ao fim de nosso encontro, partilhamos não só uma história, mas a continuidade das lembranças e construção de memória, retificando mais uma vez, o caráter ancestral, universal das histórias.

Meu encontro com Dona Lola:

Dona Lola já é conhecida como contadora de histórias. Famosa por fazer as crianças vizinhas dormirem ao som de suas narrativas e por “dar nó em pingo d’água”, ela me recebeu em sua casa, em uma quarta-feira, dia de seu aniversário de 89 anos. Alheia aos preparativos da festa para mais tarde, ela encontrava-se bordando, sentada no sofá. Perante a presença de alguém que quisesse ouvir suas histórias, abandonou rapidamente o bordado:

“Bordar eu posso a qualquer hora...”.

“Você veio ouvir histórias? Vichi! São tantas...”.

A perspectiva de alguém que quisesse ouvir suas histórias mudou seu comportamento, ajeitou-se no sofá, e com muita satisfação começou a narrar. É como se sua “função” no mundo, agora com 89 anos, se legitimasse.

A narração de D. Lola se confunde com sua própria história de vida. Ao contrário de D. Tita, que nos traz um conto popular, ela conta e encanta com “causos” de sua vida na roça, simpatias e chás milagrosos, cantigas antigas e folguedos.

“Mas olha... é cada coisa... que a gente nunca viu... eu era criança... você pode não acreditar, mas eu vi... olha... era umas coisas... mas muito, muito forte!”

Dentre tantas (e foram muitas mesmo), uma das que conta era de seu pai:

“Quando nós éramos pequenos, nós tínhamos vacas de leite, então meu pai que tirava o leite, que cuidava de tudo... Então, pra tirar bicheira da vaca ele falava: - Ô Catarina! (Catarina era minha mãe)... A vaca tá com bicheira!! Eu vou tirar os bichos dela viu?”

- Larga de bobagem Joaquim! (Ele chamava Joaquim, né.)

- Ô vem cá! Eu vou lá...

Eu não sei o quê que ele rezava, aí ele falava assim:

- Vai caindo de um em um, de dois em dois, de três em três, de quatro em quatro...

Até chegar no dez... E caíam todos os bichos da vaca!! Caía tudo, tudo, mas não ficava nenhum!

Somadas as estas, sempre emendando uma história na outra, também em uma narrativa contínua, ela traz cobras que foram encantadas, rezas para não chover, revólveres benzidos que não atiravam, e “causos” que envolvem dois personagens:

“Tinha na fazenda o Severiano, que era casado com a Francelina, a baiana velha. Quem ensinava tudo para o Severiano era a baiana velha, as rezas, tudo, tudo. Um dia nós chegamos na casa deles e a Francelina estava sentada no pé do fogão de lenha, (naquela época era fogão de lenha, né), ela tava soltando um novelo de linha, soltando linha...”

- Ô *Dona Francelina*, cadê o Severiano?

- O Severiano foi embora, diz que não volta mais... Mas enquanto eu tiver soltando esse novelo de linha, ele vai, vai embora. Então eu vou deixar...

Então ela ia soltando a linha, ia soltando a linha, soltando a linha...

- A hora que eu começar a enrolar, ele volta. Vocês podem vir aqui amanhã, a tal hora, que ele tá aqui de volta!

No dia seguinte... o Severiano tava lá...".

As histórias de D. Lola, também apresentam elementos comuns de outras histórias, como o fio presenteado por Ariadne a Teseu e que o orientou para fora do labirinto. O fio desempenha importante papel nas histórias. O fio condutor da história, o fio da roda de fiar, em que as deusas tecelãs fiavam o destino, as rodas e histórias das fiandeiras, bordadeiras e tecelãs do nordeste ou de muitos interiores brasileiros.

Na sua narração um ponto comum, que mostra o papel mítico e orientador da mulher. Aquela que carrega os poderes, as crenças, as rezas. O mítico está muito presente nas histórias. "As histórias que trazem a compreensão da cultura e do espírito de um povo, mantém aceso o seu coração mítico. [...] Esse simbolismo assegura sua existência" (Busatto, 2006, p. 77).

Como colocado por Cascudo (1967, p.194), as defesas mágicas, poderes, são os "elementos independentes da defesa letrada, mantidos pelo povo na predileção consuetudinária, inalterada e teimosa".

Mas além de histórias míticas e de assombração, Dona Lola também cria um cenário da época, de como funcionava a fazenda, o trabalho diário, casa dos colonos, ausência de energia elétrica, brincadeiras de sua infância, dificuldades e até um episódio de crise por conta de uma "epidemia de gafanhotos". Conta como era o Natal e que não havia árvore, apenas sapatos nas janelas, parecendo transportar-se para a época em que suas histórias aconteciam.

"Esse personagem tem o dom de parar o tempo abstrato, colocando no seu lugar o tempo vivido. [...] Ao soar uma história, o tempo deixa de ser marcado pelas medidas convencionais, adentra-se num estado de escuta flutuante, uma espécie de escuta desatenta, que possibilita a entrada no sem-tempo, na presentificação, espaço onde mergulham o narrado, narrador e ouvinte" (BUSATTO, 2006, p. 79).

D. Lola conta também sobre as festas e folias de Dia de Reis e canta uma música, imersa em suas lembranças. As folias de Reis são muito presentes até os dias atuais. Existem companhias que se organizam em festivais e apresentações pelo interior do Brasil. De acordo com Cascudo (1967, p. 52) as folias de Reis são seculares no Brasil e

recebidas da tradição de Portugal, onde ainda continuam vivas. São pessoas com vários instrumentos, com roupas brancas, jaquetas enfeitadas com fitas coloridas e chapéu de palha ou mais simples, mas com elementos mascarados e cômicos, passando pelas portas dos moradores, *cantando para lhes darem os Reis*, em prêmio dinheiro, doces ou frutas.

De tantas histórias em histórias, simpatias e rezas, D. Lola não pausou nem um minuto, sequer a parada para a água. A tarde avançou rapidamente e a hora da despedida chegou. Da sua narração, riquíssima e transformada em um verdadeiro baú de histórias e cultura popular, levei muitos conhecimentos e a promessa e o pedido de um próximo encontro para a contação de outras histórias que parecem não ter fim.

Considerações Finais:

A função de contar histórias é um importante meio de conservação e propagação da cultura do homem. As histórias, sejam destinadas a adultos ou crianças, são importante iniciação à cultura geral. Por elas, antes de qualquer outro tipo de texto, aprendem-se noções e valores, experiências de vida.

O homem em sua apropriação do mundo passou a desenvolver instrumentos culturais especiais e mais elaborados, como a escrita. Diante disto, houve um anúncio do declínio da narrativa e da tradição oral, chegando até mesmo a anunciar seu desaparecimento e junto com ela a figura do contador de histórias.

No entanto, contrariando as previsões, o que ocorreu foi uma mudança na figura do contador de histórias, que agora busca suas fontes nos livros, escritos e pesquisas e este passou a se apresentar tanto individualmente ou em platéias. Embora sejam inegáveis as mudanças ocorridas no comportamento e no cotidiano moderno, a dificuldade do homem em trocar experiências e tempo para ouvir o outro; a prática do contar se renova ganhando novos ares, modos e maneiras, desenvolvendo novas técnicas e buscando novos espaços urbanos.

No Brasil, ainda existem contadores tradicionais que buscam suas fontes em lembranças e contos de tradição oral, espalhados pelos interiores do país. Mesmo que imersos em uma cultura dita letrada, conservam o hábito de contar e recontar histórias que tem fundamentalmente raízes orais. Essa figura, muitas vezes, é encontrada sob a figura do idoso que encontra na narração oral sentido e uma ação de recordar a si próprio, reafirmando e legitimando uma função no mundo. É através dessa narração que a sabedoria popular acaba sendo expressa; sabedoria esta que embora não científica, fornece base e material para sua construção.

Na figura do idoso, ainda não respeitado e discriminado em nossa sociedade, é que a narrativa popular, considerado por muitos como uma criação rústica e caracterizada pela simplicidade e pobreza expressiva, encontra também espaço de legitimação. Na verdade, as narrativas populares sobrevivem do imaginário coletivo, surgem a partir de casos contados no dia-a-dia com intensidade, inventividade e sabedoria em traduzir de modo simples, alguns raciocínios complexos.

Todos contadores contemporâneos, sejam eles contadores tradicionais, que herdaram esta função de sua família ou de sua comunidade, sejam os contadores que aprenderam e elaboraram a habilidade de narrar histórias por meio de técnicas, são importantes culturalmente e socialmente. De uma maneira ou de outra, carregam ensinamentos, ajudam a construir e preservar o patrimônio dos homens, conservam viva a memória e fornecem subsídios para outras elaborações e apropriações das novas gerações. Daí a importância de conservação e valorização dos contadores, principalmente os tradicionais, de raiz.

Existe um dizer que traduz a figura do contador de histórias: “na África quando morre um contador de histórias, um velho griot, é como se uma biblioteca inteira fosse incendiada”.

Se por um lado ainda existem contadores que buscam suas histórias em fontes orais, não podemos (infelizmente) afirmar que isto se perpetuará. Somente o tempo e novas pesquisas poderão dizer. Será que no futuro existirão espaço e interesse nas manifestações da tradição oral? Não seria importante o resgate do contar, da troca de experiências?

Considerando a importância e funcionalidade da narrativa oral, a expectativa é que as reticências colocadas no fim das histórias permitam sua continuidade por muito tempo. Quem conta um conto...

Referências

BARROS, Maria Helena T.C. Vó, me conta uma história? In: BARROS, Maria Helena, BORTOLIN, Sueli, SILVA, Rovilson J. *Leitura: Mediação e Mediador*. São Paulo: FA, 2006 p. 107-115.

BENJAMIN, Walter. *O narrador*, in: Textos escolhidos; Coleção Os Pensadores; São Paulo: Victor Civita; 1983.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. 3. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BUSATTO, Cléo. *A Arte de Contar Histórias no Século XXI: tradição e ciberespaço*, Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

CASCUDO, Luis da C. *Literatura Oral no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia & Universidade de São Paulo, 1984.

_____. *Folclore do Brasil: pesquisas e notas*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1967.

MACHADO, Irene. *Literatura e Redação: Os gêneros literários e a tradição oral*. São Paulo: Scipione, 1994. (série didática)

PATRINI, Maria de Lourdes, *A renovação do conto: emergência de uma prática oral*. São Paulo: Cortez, 2005.

POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a literatura medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Era uma vez um conto, uma história, um encontro: o resgate da tradição oral.

Camila Carrari Dornelas
UNITOLEDO

Resumo: A função de contar histórias é um importante meio de conservação e propagação da cultura dos homens; assim como as histórias, contos e “causos” se constituem relevante instrumento de acesso à cultura geral. Diante do anúncio do declínio da narrativa e da tradição oral com o advento da escrita, o presente trabalho traz uma retrospectiva histórica da figura do contador de histórias e sua função social e busca fazer um resgate da tradição oral através do registro e análise dos relatos de dois contadores de histórias tradicionais.

Palavras-chave: histórias, contador de histórias, tradição oral, cultura popular.

It was once tale, a story, an encounter: the redemption of oral tradition.

Abstract: The function of telling stories is an important mean for the conservation and propagation of men's culture; As well as the stories, tales and "causos" constitute an important access tool to the general culture. Before the announcement of the decline of narrative and oral tradition with the advent of writing, this work brings a retrospective of the historical figure of the stories teller's and its social function and its looks for rescue the oral tradition through the record and analysis of two traditional stories teller's reports.

Keywords: stories, stories teller, oral tradition, popular culture.

Era uma vez um conto, uma história, um encontro: o resgate da tradição oral.

*“Cada palavra, ainda que esteja carregada de séculos,
inicia uma página em branco e compromete o mundo.”
Jorge Luis Borges.*

Era uma vez... Será que era?

Com o advento da modernidade, muitas discussões sobre as mudanças ocorridas no mundo e na maneira dos indivíduos se relacionarem vieram à discussão. Alguns autores anunciavam que o ato de narrar e trocar experiências estaria se modificando e gradativamente se extinguindo. Neste artigo narro um encontro, não do novo com o velho ou ao sentimento nostálgico de volta ao passado, mas com a arte deliciosa de contar, de ouvir, partilhar e trocar experiências, buscando o resgate e o recolhimento de histórias e contos da tradição oral.

A humanidade criou um dos instrumentos básicos - a linguagem - que como instrumento, o homem usou para dominar seu ambiente e seu próprio comportamento. Dessa forma, passou a contar e ainda conta histórias, compartilhando com o outro idéias, revelando intenções. Ao contar histórias a partir de situações comuns, expressões das palavras e uso da imaginação é que surge a narrativa.

Assim, o contar se configura como importante meio de constituição e propagação da cultura e história dos indivíduos. “Histórias existem para serem contadas, serem ouvidas e conservarem aceso o enredo da humanidade. Contar é uma antiga forma de expressão”. (Busatto, 2006, p.17).

A narrativa sempre acompanhou a vida do homem em sociedade, desempenhando um papel fundamental de coesão social:

“A voz poética assume a função coesiva e estabilizante sem a qual o grupo social não poderia sobreviver. Paradoxo: graças ao vagar de seus intérpretes – no espaço, no tempo, na consciência de si – a voz poética está presente em toda parte, conhecida de cada um, integrada nos discursos comuns, e é para eles referência permanente e segura.” (ZUMTHOR 1993, p.139)

O contador de histórias sempre existiu. Acompanhou a evolução do homem através dos tempos e o surgimento da escrita. Antigamente, as histórias eram contadas em voz alta por um narrador a um grupo de pessoas, interagindo diretamente com seus ouvintes. Como colocado por Machado (1994) é como se a fala do narrador se transformasse numa espécie de “escritura invisível” que se fixava no cérebro do ouvinte, garantindo a reprodução futura.

Esse personagem, durante muito tempo foi extremamente importante nas comunidades. De acordo com Busatto (2006, p.18), ele recebeu vários nomes através dos tempos:

“Era o *rapsodo* para os gregos, o *griot* para os africanos, o *bardo* para os celtas, ou simplesmente o *contador de histórias*. Era um sujeito que se valia da narração oral como via de organizar o caos, perpetuar e propagar os mitos fundacionais das suas culturas. Um sujeito que mantinha vivo o pensamento do seu povo por meio da memória prodigiosa e que o divulga por meio da arte.”

Não é de hoje que alguns estudiosos e pesquisadores vêm anunciando as mudanças no mundo moderno e o enfraquecimento do conto oral e da prática milenar da transmissão e da recepção oral de histórias, chegando mesmo a anunciar seu desaparecimento. As mudanças experimentadas pelas sociedades contemporâneas nos últimos tempos, alteraram as formas como os homens sentem e representam para si mesmo o mundo onde vivem.

Há uma dificuldade de representação do mundo contemporâneo que envolve desde instituições sociais até formas simbólicas e imaginárias, como a comunicação e a narração.

Benjamin (1983, p.57) traz a discussão de que a arte de narrar caminha para o fim:

“[...] a arte de narrar caminha para o fim. Torna-se cada vez mais raro o encontro com pessoas que sabem narrar alguma coisa. É cada vez mais freqüente espalhar-se em volta o embaraço quando se anuncia o desejo de ouvir uma história. É como se uma faculdade, que nos parecia inalienável, a mais garantida entre as coisas seguras, nos fosse retirada. Ou seja: a de trocar experiências”.

Para a sociedade atual, contar histórias pode ser encarado como perda de tempo. A cotidianidade está atravessada pela individualização, pelo consumismo e pelo predomínio da informação e da comunicação de massa, relegando a escuta do outro como algo fora de moda.

Postman (1999, p.161) coloca que com o surgimento da prensa tipográfica se “[...] estilhaçou a coesão de uma comunidade religiosa mundial e a poesia da tradição oral, reduziu as lealdades regionais e criou um sistema industrial cruelmente impessoal.” Ainda de acordo com o autor, o fato de que a tecnologia foi deificada, o processo político degradado, a mente adulta tem se apequenado e a infância está definhando, são sinais deploráveis da atualidade.

Benjamin (1983, p.60), também atribui o declínio da narrativa ao advento do romance no início da Era Moderna e o surgimento da imprensa escrita:

“A difusão do romance só se torna possível com a invenção da imprensa. A tradição oral, patrimônio da épica, tem uma natureza diferente da que constitui a existência do romance. O que distingue o romance de todas as outras formas de criação literária em prosa – o conto-de-fadas, a saga, até mesmo a novela – é o fato de não derivar da tradição oral, nem entrar para ela. Mas isso o distingue sobretudo da ação de narrar. O narrador colhe o que narra na experiência, própria ou relatada. E transforma isso outra vez em experiência dos que ouvem sua história.”

Ainda de acordo com o autor, a narrativa prospera no círculo do trabalho. É ela própria parecida a uma forma artesanal de comunicação. Adere à narrativa a marca de quem narra e a tendência dos narradores é começarem sua história apresentando circunstâncias que eles mesmos tomaram conhecimento ou ainda de uma experiência pessoal.

Essa idéia também é partilhada por Zumthor (1993, p.75):

“A idéia do poder real da palavra, [...] gera um quadro moral do universo. Todo discurso é ação, física e psiquicamente efetiva. Donde a riqueza das tradições orais, contrárias ao que quebra o ritmo da voz viva. O Verbo se expande no mundo, que por seu meio foi criado e ao qual dá vida. Na palavra se origina o poder do chefe e da política, do camponês e da semente. O artesão que modela um objeto pronuncia as palavras que fecundam o seu ato”.

O contar está intimamente ligado à vivência de fatos, troca de experiências, voltados para o interesse prático. Daí tão forte a imagem do homem ao redor do fogo, desde os primórdios, contando sobre suas caçadas; das rodas de mulheres fiandeiras tecendo suas histórias; do caboclo na varanda contando “causos” da roça, das mulheres na cozinha escolhendo feijão e narrativas. A triste (ou feliz) constatação é de que nos dias atuais já nem é preciso escolher o feijão.

A narrativa carrega sempre uma utilidade, seja uma lição, uma indicação prática, um ditado, um exemplo de vida, uma troca de experiências. Mas se hoje essa troca de experiências tem-se modificado, isto é fruto de um processo:

“A arte de narrar tende para o fim porque o lado épico da verdade, a sabedoria, está agonizando. Mas este é um processo que vem de longe. Nada seria mais tolo do que querer vislumbrar nele apenas um “fenômeno da decadência” – muito menos ainda “moderno”. Ele é antes uma manifestação secundária da forças produtivas históricas seculares que aos poucos afastou a narrativa do âmbito do discurso vivo, ao mesmo tempo que tornava palpável uma nova beleza naquilo que desaparecia.” BENJAMIN (1983, p.59).

É inegável que ao modificar o espaço de convivência das pessoas, a vida familiar, a maneira de se comunicar, a partilha do trabalho doméstico e no campo, perdeu-se muito da transmissão oral de histórias, canções e poemas.

No entanto, a civilização ocidental sobreviveu com alguns de seus valores humanos inalterados e conseguiu forjar outros.

Patrini (2005) defende que o mundo passa por uma emergência de uma prática oral. Na década de 80, um novo movimento passou a se desenhar no terreno fecundo deixado após os anos de ditadura em que os protestos vinham de forma teatral, cinematográfica, literária e musical.

O contador de histórias surge na atualidade como profissão, frequentemente estando ligado ao teatro e aos palcos ou refugiado em bibliotecas, explicando o vínculo dessa arte com as práticas de alfabetização.

Há uma mudança não no fato de encantar através do conto, da história, mas de que agora as platéias são desconhecidas e com horários para o acontecimento, exigindo uma nova dinâmica por parte do contador. A prática do conto (ainda bem) não desapareceu e se reinventa.

A linguagem carregou consigo os conceitos generalizados, conhecimentos, sabedorias do passado. Mas o homem na sua ação sobre o mundo passou a criar instrumentos culturais especiais, como a escrita, que permitem analisar esta sabedoria no presente e a possibilidade de aperfeiçoamento no futuro.

Muitas das fontes destes contadores contemporâneos são os contos escritos encontrados em bibliotecas e congelados pela literatura escrita (Bajard 2004, apud, Patrini 2005, p. 15).

O fato é que a cultura escrita tornou possível o registro, procurou tornar a cultural oral atrativa. Perrault em 1695 e dois séculos depois os Irmãos Grimm, demonstraram essa preocupação com os registros dos contos populares. Esses chamados clássicos, riquíssimos, e muitas outras histórias que nos dias atuais habitam as bibliotecas permitem o acesso muito mais por leitura do que pela escuta. São raros os contadores que recolhem os contos diretamente com os mais antigos.

No Brasil, o surgimento de novos grupos de contadores se intensificou nos últimos dez anos, revigorando a arte de contar histórias. Estes são influenciados e têm suas fontes na literatura escrita, no teatro, sendo dotados de técnicas aprimoradas, muitas vezes em oficinas e cursos. Contam histórias em grupos, individualmente, e recriam no espaço urbano esta arte há muito tempo existente.

Atualmente tem sido dado destaque a esta prática nas programações culturais. Existem encontros nacionais e internacionais de contadores e muitas pesquisas vêm se desenvolvendo nas universidades. Estima-se que só na América Latina, existam mais de vinte encontros organizados por instituições, universidades ou pelos próprios contadores.

Já a figura do contador de histórias tradicional faz parte de um grupo cada vez menor que mantém as informações através da oralidade. Seja por pertencer a uma comunidade ágrafa (casos raros), seja por conviver em uma comunidade letrada e não se influenciar pela escrita, ainda que esta esteja presente no seu cotidiano e ele inserido em um contexto mediado pelos novos meios de comunicação.

Walter Ong (1998, apud Busatto, 2006, p.19), usa o conceito de oralidade primária para as culturas que desconhecem a escrita, e oralidade secundária para a cultura atual que vivenciamos, mediados pela tecnologia.

Já Zumthor (1993, p.18), distingue três tipos de oralidade: primária, mista e segunda. A primária diz respeito a sociedades que não comportariam nenhum contato com a escritura ou sistema de simbolização gráfica (praticamente inexistente nos dias atuais). A mista, quando a influência da escritura é externa, onde a oralidade procede da existência de uma cultura “escrita”. E a oralidade segunda, provinda de uma cultura “letrada”, sendo que toda expressão é marcada pela presença da escrita e tende a esgotar os valores da voz no uso e no imaginário.

No entanto, a perspectiva da conservação do narrador, do contador de histórias tradicional, parece persistir. De acordo com Patrini (2005, p.20):

“Na sociedade brasileira, sobretudo nas zonas rurais e periféricas das cidades, as distinções entre oralidade e escrita não são muito marcadas. No Nordeste, por exemplo, a existência de uma cultura oral é evidente. As práticas sociais são vividas de maneira intensa através dos jogos, das festas populares, que fazem parte de um patrimônio cultural variado e rico em símbolos: canções em torno da mesa ou do fogo, danças e festas de casamento, jogos típicos da infância, ritos coletivos de religiões populares e esculturas em madeira que criam personagens de um universo original”.

Em qualquer país que sustente uma cultura rural, como o Brasil, ainda existem contadores de histórias tradicionais em atividade. O chamado contador de raiz ainda é possível ser encontrado e com eles uma fonte riquíssima de histórias, contos, cantigas de roda, rezas, adivinhas e brincadeiras infantis.

A figura do velho contador de histórias, o idoso, cheio de lembranças carrega essa possibilidade. Parece que aos mais velhos, por serem considerados improdutivos numa sociedade capitalista, fazem do preconceito que sofrem a liberdade que possuem de poder lembrar.

De acordo com Bosi (1994, p.41), essa liberdade, na verdade, torna-se obrigação social, já que ao homem adulto não é permitido lembrar. Para este, a memória é algo distinto da vida prática.

O velho, por estar no fim da vida, busca na memória sua identidade. Contar para o velho é viver, não só o resgate do que passou, mas a possibilidade de projetar o futuro. Ainda de acordo com a autora:

“Hoje fala-se tanto em criatividade... mas, onde estão as brincadeiras, os jogos, os cantos e danças de outrora? Na lembrança de velhos aparecem e nos surpreendem pela riqueza. O velho, de um lado, busca a confirmação do que se passou com seus coetâneos, em testemunhos escritos ou orais, investiga, pesquisa, confronta esse tesouro que é guardião. De outro recupera o tempo que correu e aquelas coisas que, quando as perdemos, nos fazem sentir diminuir e morrer.” (p.41)

Para o idoso, as narrativas se tornam fundamentais, onde buscam um sentido. É como se o envelhecimento fosse um processo biográfico, envolvendo o contar e o recontar.

Barros (2006, p. 107) ressalta a importância das avós no ofício de contar histórias. A autora coloca que a relação parental entre avô/avó e neto/neta é de proximidade, seja nas situações de perfilhamento, de sustento, esteio, custódia, afetividade, afinidade, além dos laços consangüíneos, nem sempre existentes.

O contar histórias pela avó, envolveria uma troca muito rica:

“A ancestralidade, por sua vez, envolve a geração mais velha e mais jovem, atribuindo-se-lhes a prerrogativas de sabedoria e de expectativa da aprendizagem, respectivamente, bem como a imagem do ancião que se apóia no mais novo, no caminhar da vida. Prenúncio de troca e de acréscimo entre a experiência e a necessidade de conhecer, simboliza a raiz e, de alguma forma, o reforço da identidade e da sensação de segurança, desde tempos imemoriais.” BARROS (2006, p. 108).

A cena do avô ou avó nesse papel pode ser encontrada em qualquer tempo, em qualquer cultura; daí o uso do arquétipo da ancestralidade sob a imagem do idoso, do velho. É exatamente junto a estes mestres contadores que busco estabelecer uma relação. Eles como contadores, eu como ouvinte. É nessa relação que a narrativa de histórias cumpre seu melhor papel: o de reunir em torno:

“Entre o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve poder ser reproduzido. A memória é a faculdade épica por excelência. Não se pode perder, no deserto dos tempos, uma só gota da água irisada que, nômades, passamos do côncavo de uma para outra mão. A história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos.” BOSI (1994 p. 48).

Como a composição oral sempre foi um texto de muitas vozes, reúno às vozes de dois contadores tradicionais, primeiro a minha escuta, depois quem sabe a minha voz

como contadora. E o conto que entrou por uma porta, invariavelmente sairá pela outra.

Meu encontro com Dona Tita:

Meu encontro com D.Tita aconteceu em um sábado à tarde. Com 82 anos de idade, ela me recebeu em sua cozinha, enquanto preparava o almoço. E assim como as mulheres que escolhiam o feijão, entre panelas e um refogado, ela a meu pedido conta uma história. Inicia com o caráter atemporal e ancestral das histórias:

“Ih! Já faz tempo! Minha mãe é que contava, né.”

Inicialmente sem jeito, com falas comedidas, envergonhada:

“Nem sei se me lembro direito.”

Para depois iniciar com o tão esperado e previsível início:

“Diz que era uma vez...”

D. Tita no decorrer de sua fala, apresenta uma mulher diferente daquela que encontrei quando cheguei, passando de uma contação séria, para aos poucos tomar conta do tempo e do espaço que dividíamos. Ela então passa a recordar, trazendo para seu corpo a memória e significações da história. Nesse movimento, passa a transformar a história do outro em uma história própria.

A cada fato novo da história ocorriam modificações na voz, nos gestos compostos pelas feições do rosto, caretas, risadas, mãos, e rodopios com a colher de pau. “O contador de histórias cria imagens no ar, materializando o verbo e transformando-se, ele próprio, nesta matéria fluída que é a palavra” (Busatto, 2006, p.79). Ela estava agora a vontade e se divertia em uma narração preenchida e ininterrupta, repleta de lembranças. É justamente esta lembrança, como colocado por Benjamin que institui a corrente da tradição e transmite o acontecido de geração a geração. “Uma história emenda na outra, como os grandes narradores, sobretudo os orientais, tinham gosto em mostrar” (ibid, 1983, p.67).

A história que conta, “*a boneca de alfinetes*”, caracteriza-se como conto popular. Conto popular aqui entendido como manifestação cultural de caráter universal, indiferente a tudo que seja imposto pela cultura oficial (Machado, 1994, p. 28).

Apesar do caráter popular, o conto não pode ser entendido como sinônimo de regional pelo caráter universalizante das manifestações populares. No caso de D. Tita, sua história veio de muito longe, contada pela mãe vinda imigrante da Itália quando ainda criança. O conto popular é um gênero narrativo que desenvolve traços que se repetem em

histórias criadas nos mais variados locais e épocas. Suas características composicionais não conhecem fronteiras de tempo e nem de lugar. (Machado, 1994, p.28)

A história de D. Tita, em muito se assemelha à história conhecida como Chapeuzinho Vermelho, mas com modificações e sem a presença do lobo. Carrega também elementos da história conhecida como João e Maria. O vilão da história, no caso, é a própria avó. O conto popular parte de uma situação inicial onde conta-se quem são os personagens, num tempo e espaço não muito definidos:

“Diz que era uma vez, uma mulher muito pobre, que vivia sozinha com sua filha em um casebre, pois o marido já havia morrido. Um dia ela resolveu fazer bolinhos e pediu que a filha levasse para a avó, láááááá do outro lado da colina”.

No conto popular também existe um motivo, que gera um conflito, a partir do qual a história se organiza:

“[...] Como a viagem era muito longa, no meio do caminho a menina sentiu muita fome, pobrezinha, e comeu quase todos os bolinhos. [...] ao chegar à casa da vó, ela ficou muito zangada. A avó na verdade era uma bruxa, muito má! [...] E então a bruxa disse:

- Pode esperar! Hoje, à noite, você vai ver! Sua mãe não mandou os bolinhos... Que falta de consideração! Então, hoje à meia-noite, eu vou te comer!!!

A partir do motivo central, no conto popular, desenrolam-se as motivações, situações breves, razões e objetivos que levam os personagens a determinada ação, como levar os bolinhos ou a fome da menina e outras situações que vão se modificando e garantem o desenvolvimento da história até a sua conclusão.

A resolução dos conflitos e a conclusão característica da narrativa popular acabam por existir em todas as histórias, voltando à situação de equilíbrio ou normalidade anterior. É o famoso final feliz:

“A mãe costurou, costurou e costurou... E construiu uma boneca de pano do tamanho da menina e encheu de alfinetes [...] arrumou a boneca na cama da menina, como se estivesse dormindo [...] Chegada á noite, a bruxa foi subindo os degraus:

- Onde que está o primeiro degrau... Vou te pegar!

- Onde que está o segundo degrau... Vou te pegar!”

(E assim, gerando suspense com a voz, a cada degrau alcançado).

“[...] a velha comeu a boneca de alfinetes e morreu, toda ensangüentada! E a menina e sua mãe, que se amavam muito, viveram muito felizes ainda por muitos anos...”

Esta estrutura simples, presente na narração de D. Tita, se repete em várias histórias recolhidas da tradição popular e do folclore, que chegaram até nós e os dias atuais pelas pesquisas e registros. Tal estrutura acaba por revelar o modo através do qual

o imaginário popular reflete sobre os conflitos e atitudes humanas: a obediência e desobediência, a exploração do homem pelo homem, ambição, avareza, bondade, maldade; qualidades e defeitos. É como se através do conto, uma forma simples, pudéssemos discutir questões nem sempre tão simples.

No final da história, D.Tita encerra, mas deixa no ar a possibilidade de outras histórias, característica forte de quem narra. Ao fim de nosso encontro, partilhamos não só uma história, mas a continuidade das lembranças e construção de memória, retificando mais uma vez, o caráter ancestral, universal das histórias.

Meu encontro com Dona Lola:

Dona Lola já é conhecida como contadora de histórias. Famosa por fazer as crianças vizinhas dormirem ao som de suas narrativas e por “dar nó em pingo d’água”, ela me recebeu em sua casa, em uma quarta-feira, dia de seu aniversário de 89 anos. Alheia aos preparativos da festa para mais tarde, ela encontrava-se bordando, sentada no sofá. Perante a presença de alguém que quisesse ouvir suas histórias, abandonou rapidamente o bordado:

“Bordar eu posso a qualquer hora...”.

“Você veio ouvir histórias? Vichi! São tantas...”.

A perspectiva de alguém que quisesse ouvir suas histórias mudou seu comportamento, ajeitou-se no sofá, e com muita satisfação começou a narrar. É como se sua “função” no mundo, agora com 89 anos, se legitimasse.

A narração de D. Lola se confunde com sua própria história de vida. Ao contrário de D. Tita, que nos traz um conto popular, ela conta e encanta com “causos” de sua vida na roça, simpatias e chás milagrosos, cantigas antigas e folguedos.

“Mas olha... é cada coisa... que a gente nunca viu... eu era criança... você pode não acreditar, mas eu vi... olha... era umas coisas... mas muito, muito forte!”

Dentre tantas (e foram muitas mesmo), uma das que conta era de seu pai:

“Quando nós éramos pequenos, nós tínhamos vacas de leite, então meu pai que tirava o leite, que cuidava de tudo... Então, pra tirar bicheira da vaca ele falava: - Ô Catarina! (Catarina era minha mãe)... A vaca tá com bicheira!! Eu vou tirar os bichos dela viu?”

- Larga de bobagem Joaquim! (Ele chamava Joaquim, né.)

- Ô vem cá! Eu vou lá...

Eu não sei o quê que ele rezava, aí ele falava assim:

- Vai caindo de um em um, de dois em dois, de três em três, de quatro em quatro... Até chegar no dez... E caíam todos os bichos da vaca!! Caía tudo, tudo, mas não ficava nenhum!

Somadas as estas, sempre emendando uma história na outra, também em uma narrativa contínua, ela traz cobras que foram encantadas, rezas para não chover, revólveres benzidos que não atiravam, e “causos” que envolvem dois personagens:

“Tinha na fazenda o Severiano, que era casado com a Francelina, a baiana velha. Quem ensinava tudo para o Severiano era a baiana velha, as rezas, tudo, tudo. Um dia nós chegamos na casa deles e a Francelina estava sentada no pé do fogão de lenha, (naquela época era fogão de lenha, né), ela tava soltando um novelo de linha, soltando linha...

- Ô Dona Francelina, cadê o Severiano?

- O Severiano foi embora, diz que não volta mais... Mas enquanto eu tiver soltando esse novelo de linha, ele vai, vai embora. Então eu vou deixar...

Então ela ia soltando a linha, ia soltando a linha, soltando a linha...

- A hora que eu começar a enrolar, ele volta. Vocês podem vir aqui amanhã, a tal hora, que ele tá aqui de volta!

No dia seguinte... o Severiano tava lá...”.

As histórias de D. Lola, também apresentam elementos comuns de outras histórias, como o fio presenteado por Ariadne a Teseu e que o orientou para fora do labirinto. O fio desempenha importante papel nas histórias. O fio condutor da história, o fio da roda de fiar, em que as deusas tecelãs fiavam o destino, as rodas e histórias das fiandeiras, bordadeiras e tecelãs do nordeste ou de muitos interiores brasileiros.

Na sua narração um ponto comum, que mostra o papel mítico e orientador da mulher. Aquela que carrega os poderes, as crenças, as rezas. O mítico está muito presente nas histórias. “As histórias que trazem a compreensão da cultura e do espírito de um povo, mantém aceso o seu coração mítico. [...] Esse simbolismo assegura sua existência” (Busatto, 2006, p. 77).

Como colocado por Cascudo (1967, p.194), as defesas mágicas, poderes, são os “elementos independentes da defesa letrada, mantidos pelo povo na predileção consuetudinária, inalterada e teimosa”.

Mas além de histórias míticas e de assombração, Dona Lola também cria um cenário da época, de como funcionava a fazenda, o trabalho diário, casa dos colonos, ausência de energia elétrica, brincadeiras de sua infância, dificuldades e até um episódio de crise por conta de uma “epidemia de gafanhotos”. Conta como era o Natal e que não

havia árvore, apenas sapatos nas janelas, parecendo transportar-se para a época em que suas histórias aconteciam.

“Esse personagem tem o dom de parar o tempo abstrato, colocando no seu lugar o tempo vivido. [...] Ao soar uma história, o tempo deixa de ser marcado pelas medidas convencionais, adentra-se num estado de escuta flutuante, uma espécie de escuta desatenta, que possibilita a entrada no sem-tempo, na presentificação, espaço onde mergulham o narrado, narrador e ouvinte” (BUSATTO, 2006, p. 79).

D. Lola conta também sobre as festas e folias de Dia de Reis e canta uma música, imersa em suas lembranças. As folias de Reis são muito presentes até os dias atuais. Existem companhias que se organizam em festivais e apresentações pelo interior do Brasil. De acordo com Cascudo (1967, p. 52) as folias de Reis são seculares no Brasil e recebidas da tradição de Portugal, onde ainda continuam vivas. São pessoas com vários instrumentos, com roupas brancas, jaquetas enfeitadas com fitas coloridas e chapéu de palha ou mais simples, mas com elementos mascarados e cômicos, passando pelas portas dos moradores, *cantando para lhes darem os Reis*, em prêmio dinheiro, doces ou frutas.

De tantas histórias em histórias, simpatias e rezas, D. Lola não pausou nem um minuto, sequer a parada para a água. A tarde avançou rapidamente e a hora da despedida chegou. Da sua narração, riquíssima e transformada em um verdadeiro baú de histórias e cultura popular, levei muitos conhecimentos e a promessa e o pedido de um próximo encontro para a contação de outras histórias que parecem não ter fim.

Considerações Finais:

A função de contar histórias é um importante meio de conservação e propagação da cultura do homem. As histórias, sejam destinadas a adultos ou crianças, são importante iniciação à cultura geral. Por elas, antes de qualquer outro tipo de texto, aprendem-se noções e valores, experiências de vida.

O homem em sua apropriação do mundo passou a desenvolver instrumentos culturais especiais e mais elaborados, como a escrita. Diante disto, houve um anúncio do declínio da narrativa e da tradição oral, chegando até mesmo a anunciar seu desaparecimento e junto com ela a figura do contador de histórias.

No entanto, contrariando as previsões, o que ocorreu foi uma mudança na figura do contador de histórias, que agora busca suas fontes nos livros, escritos e pesquisas e este passou a se apresentar tanto individualmente ou em platéias. Embora sejam inegáveis as mudanças ocorridas no comportamento e no cotidiano moderno, a dificuldade do homem em trocar experiências e tempo para ouvir o outro; a prática do

contar se renova ganhando novos ares, modos e maneiras, desenvolvendo novas técnicas e buscando novos espaços urbanos.

No Brasil, ainda existem contadores tradicionais que buscam suas fontes em lembranças e contos de tradição oral, espalhados pelos interiores do país. Mesmo que imersos em uma cultura dita letrada, conservam o hábito de contar e recontar histórias que tem fundamentalmente raízes orais. Essa figura, muitas vezes, é encontrada sob a figura do idoso que encontra na narração oral sentido e uma ação de recordar a si próprio, reafirmando e legitimando uma função no mundo. É através dessa narração que a sabedoria popular acaba sendo expressa; sabedoria esta que embora não científica, fornece base e material para sua construção.

Na figura do idoso, ainda não respeitado e discriminado em nossa sociedade, é que a narrativa popular, considerado por muitos como uma criação rústica e caracterizada pela simplicidade e pobreza expressiva, encontra também espaço de legitimação. Na verdade, as narrativas populares sobrevivem do imaginário coletivo, surgem a partir de casos contados no dia-a-dia com intensidade, inventividade e sabedoria em traduzir de modo simples, alguns raciocínios complexos.

Todos contadores contemporâneos, sejam eles contadores tradicionais, que herdaram esta função de sua família ou de sua comunidade, sejam os contadores que aprenderam e elaboraram a habilidade de narrar histórias por meio de técnicas, são importantes culturalmente e socialmente. De uma maneira ou de outra, carregam ensinamentos, ajudam a construir e preservar o patrimônio dos homens, conservam viva a memória e fornecem subsídios para outras elaborações e apropriações das novas gerações. Daí a importância de conservação e valorização dos contadores, principalmente os tradicionais, de raiz.

Existe um dizer que traduz a figura do contador de histórias: “na África quando morre um contador de histórias, um velho griot, é como se uma biblioteca inteira fosse incendiada”.

Se por um lado ainda existem contadores que buscam suas histórias em fontes orais, não podemos (infelizmente) afirmar que isto se perpetuará. Somente o tempo e novas pesquisas poderão dizer. Será que no futuro existirão espaço e interesse nas manifestações da tradição oral? Não seria importante o resgate do contar, da troca de experiências?

Considerando a importância e funcionalidade da narrativa oral, a expectativa é que as reticências colocadas no fim das histórias permitam sua continuidade por muito tempo. Quem conta um conto...

Referências

- BARROS, Maria Helena T.C. Vó, me conta uma história? In: BARROS, Maria Helena, BORTOLIN, Sueli, SILVA, Rovilson J. *Leitura: Mediação e Mediador*. São Paulo: FA, 2006 p. 107-115.
- BENJAMIN, Walter. *O narrador*, in: Textos escolhidos; Coleção Os Pensadores; São Paulo: Victor Civita; 1983.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. 3. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BUSATTO, Cléo. *A Arte de Contar Histórias no Século XXI: tradição e ciberespaço*, Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
- CASCUDO, Luis da C. *Literatura Oral no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia & Universidade de São Paulo, 1984.
- _____. *Folclore do Brasil: pesquisas e notas*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1967.
- MACHADO, Irene. *Literatura e Redação: Os gêneros literários e a tradição oral*. São Paulo: Scipione, 1994. (série didática)
- PATRINI, Maria de Lourdes, *A renovação do conto: emergência de uma prática oral*. São Paulo: Cortez, 2005.
- POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a literatura medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.